

AFASTAR E APROXIMAR: Narrativa audiovisual sobre a (re)conexão entre o Homem e a Natureza

Presença entre imagem, som e natureza

Sara Cruz*

Universidade da Maia, Maia, Portugal, scruz@umaia.pt

José Bidarra

Universidade Aberta, Lisboa, Portugal, jose.bidarra@uab.pt

Este artigo analisa a instalação AFASTAR E APROXIMAR (Zoom In and Zoom Out), focando-se no uso do vídeo como meio de expressão artística ao serviço da consciencialização ecológica e da transformação de atitudes. Inserida no campo da média-arte digital, a obra propõe uma experiência sensorial e envolvente que convida o visitante a refletir sobre a sua relação com a natureza. Através da articulação de som, imagem e movimento, a instalação cria um ambiente de contemplação e diálogo poético entre o Homem e a Natureza. A justaposição de camadas visuais, a presença do corpo em simbiose com a paisagem e a integração de uma narrativa poética contribuem para uma perceção expandida do tempo e da existência ecológica. Inspirando-se em práticas contemporâneas de artistas como Marshmallow Laser Feast e Thijs Biersteker, e em sintonia com a visão de Sacha Kagan, que propõe a sustentabilidade como uma nova fronteira para as artes e culturas, AFASTAR E APROXIMAR exemplifica o potencial do vídeo enquanto linguagem artística capaz de gerar empatia, introspeção e responsabilidade ambiental.

CCS CONCEPTS •Applied computing~Arts and humanities~Media arts

Additional Keywords and Phrases: Arte e sustentabilidade, Média-arte digital, Vídeo, Narrativa audiovisual, Homem e Natureza

ACM Reference Format:

First Author's Name, Initials, and Last Name, Second Author's Name, Initials, and Last Name, and Third Author's Name, Initials, and Last Name. 2018. The Title of the Paper: ACM Conference Proceedings Manuscript Submission Template: This is the subtitle of the paper, this document both explains and embodies the submission format for authors using Word. In Woodstock '18: ACM Symposium on Neural Gaze Detection, June 03–05, 2018, Woodstock, NY. ACM, New York, NY, USA, 10 pages. NOTE: This block will be automatically generated when manuscripts are processed after acceptance.

1 Introdução

A interseção entre arte e sustentabilidade tem vindo a consolidar-se como um campo fértil para práticas críticas, sensoriais e transdisciplinares, especialmente no contexto das crises ecológicas e civilizacionais que caracterizam

* Sara Cruz

o Antropoceno. Como defende Joanna Page [1], muitas obras contemporâneas rejeitam a simples representação da crise ambiental, propondo antes formas de pensamento sensível que revelam forças planetárias incontroláveis. Neste enquadramento, a arte não se limita a representar a crise, mas atua como um dispositivo de escuta e de reconexão com o mundo natural, promovendo uma ética da interdependência.

Em sintonia com esta visão, Sacha Kagan [2] propõe a sustentabilidade como uma nova fronteira para as artes e culturas, sublinhando que esta não deve ser entendida apenas como temática, mas como um reposicionamento profundo — ético, estético e epistemológico — que exige das práticas artísticas uma reinvenção dos modos de pensar, criar e agir no mundo. Ao reconhecer a arte como um campo capaz de integrar reflexão crítica, sensibilidade ecológica e diversidade cultural, Kagan defende que os artistas têm um papel essencial na construção de novos imaginários sustentáveis, articulando justiça social, cuidado ambiental e inovação cultural [2].

Esta abordagem torna-se visível no trabalho do coletivo TeamLab, cujas obras operam na confluência entre arte, tecnologia e ecologia. Criações como *Forest and Spiral of Resonating Lamps in the Forest* [3] e *Borderless* [4] propõem experiências sensoriais imersivas que exploram a complexidade dos ecossistemas naturais, como florestas e rios, enquanto respondem ativamente à presença do público. Ao integrar o movimento dos visitantes na transformação visual e sonora das obras, o TeamLab promove uma percepção ecológica do mundo, onde Natureza, corpo e tecnologia se entrelaçam [3][4]. A dimensão participativa das suas instalações convida a um envolvimento direto e poético com o ambiente, sugerindo novas formas de atenção, cuidado e coabitação com o planeta.

Nesta mesma linha, o coletivo britânico Marshmallow Laser Feast, com a obra *Evolver* [5], proporciona uma experiência multissensorial de introspeção e de ligação com a biologia do corpo e os ciclos naturais. Apresentada no Frankfurter Kunstverein, esta instalação virtual conduz o visitante por uma viagem meditativa através do processo respiratório humano, cruzando dados biométricos, imagem e som para explorar a interdependência entre o interior do corpo e o ambiente envolvente [5]. A obra dissolve fronteiras entre sujeito e ecossistema, tecnologia e vida, propondo uma estética relacional que encoraja empatia e consciência planetária.

Também Thijs Biersteker, com a instalação *Plastic Reflectic* [6], evidencia a potência crítica da arte digital em tempos de emergência climática. Utilizando sensores de movimento e dados em tempo real sobre a poluição marinha por plástico, a obra confronta o visitante com o impacto das suas ações quotidianas, visualizando a transformação de microgestos em consequências ambientais globais. Ao refletir o corpo do observador numa nuvem plástica pulsante, a instalação cria uma experiência de espelho ético e ecológico, instigando responsabilidade e ação.

Estas práticas exemplificam uma estética da interdependência, que rejeita o paradigma cartesiano da separação entre cultura e natureza. Em consonância com esta perspetiva, Davide Brocchi [7] defende que, para enfrentar a crise ecológica, não basta mudar tecnologias ou comportamentos individuais. É necessário cultivar novas formas de pensar, sentir e viver no mundo, que valorizem a diversidade, o cuidado e a interdependência. O autor propõe o conceito de “culturas da sustentabilidade” — visões de mundo alternativas que rompem com o monoculturalismo globalizado e com a lógica extrativista dominante, que trata a natureza como mera fonte de exploração, ignorando a sua dimensão viva, simbólica e relacional. A arte, neste quadro, não é acessória, mas central na construção de futuros sustentáveis, na medida em que atua simultaneamente a nível cognitivo, emocional, ético e político. Ao inscrever-se nesta perspetiva, *AFASTAR E APROXIMAR* propõe uma experiência estética que é, simultaneamente, ética e transformadora — uma criação artística que convida a imaginar outras formas de coexistência mais equilibradas, conscientes e inclusivas.

2 O Vídeo Como Meio de Expressão Artística em Média-Arte Digital

O vídeo, desde a sua emergência como tecnologia de registo nos anos 1960, tem desempenhado um papel central na reconfiguração das práticas artísticas. A sua democratização, potenciada por avanços tecnológicos tornou-o um meio acessível, flexível e profundamente expressivo para artistas de diferentes contextos. No campo da média-

arte digital, o vídeo não se limita a ser um suporte técnico, mas afirma-se como uma linguagem complexa que articula imagem, som, tempo, corpo e espaço. Explora-se, neste enquadramento, a ontologia da imagem em movimento — fílmica ou videográfica — e as implicações dos avanços tecnológicos que têm expandido os seus campos estético, concetual e representacional da imagem em movimento [8].

A mediação tecnológica do vídeo permitiu o surgimento de uma nova sensibilidade artística, marcada pela imersão, interatividade e presença do corpo. O vídeo operou desde o início como meio de contestação e de expressão pessoal e política, sendo explorado por artistas como Nam June Paik, Joan Jonas ou Bruce Nauman, que romperam com convenções estéticas ao experimentar com a presença corporal e a manipulação do tempo visual [9].

Esta capacidade do vídeo de documentar e ao mesmo tempo performar, registar e poeticamente construir significados, permitiu a emergência de uma estética videográfica centrada na presença do corpo, na duração da imagem, na repetição e no desvio da narrativa linear. O vídeo tornou-se, assim, num “confessionário”, como refere Gonçalves, onde se exploram subjetividades, identidades, e críticas às convenções sociais e culturais [9].

Contemporaneamente, o vídeo expandiu-se para novos territórios artísticos através da arte digital e interativa. Segundo Hernando Urrutia, Pérez e Fernandes-Marcos [10], o vídeo na arte contemporânea não se limita a representar: mas gera conhecimento, estimula a reflexão e constrói novas relações entre a obra e o público. O vídeo, enquanto linguagem visual, propaga ideias complexas que desafiam normas sociais e culturais [9] [11]. A capacidade do vídeo de cruzar fronteiras entre arte e tecnologia é uma característica que reforça seu valor como meio de expressão artística, permitindo novas formas de envolvimento e interação com o público.

Neste sentido, no contexto da média-arte digital, o vídeo evolui como um meio híbrido, que articula as linguagens das artes plásticas, da performance, do cinema experimental e das tecnologias interativas. Com a integração de sensores, interfaces e ambientes imersivos, o vídeo deixa de ser apenas projeção para se tornar experiência incorporada. A imagem em movimento passa a responder ao gesto do visitante, à sua presença e aos seus movimentos, abrindo caminho para obras que promovem um envolvimento sensorial e cognitivo sem precedentes.

Em suma, o vídeo constitui hoje um dos meios relevantes da arte contemporânea, oferecendo aos artistas não apenas um suporte, mas uma linguagem expandida, performativa e crítica. A sua capacidade de integrar imagem, som, corpo e interação tecnológica torna-o central na produção de experiências artísticas que questionam, emocionam e transformam.

É neste contexto expandido que se inscreve a obra “AFASTAR E APROXIMAR”, onde a linguagem videográfica é mobilizada para convocar o visitante a repensar o seu lugar no mundo e a sua ligação ao planeta. Através da articulação entre som, imagem e corpo, a obra convida o visitante a um encontro poético com a sua relação com o mundo, reafirmando o papel do vídeo como meio de expressão estética e sensorial na média-arte digital.

3 Instalação Audiovisual “AFASTAR E APROXIMAR” / “ZOOM IN and ZOOM OUT”

A instalação AFASTAR E APROXIMAR (ZOOM IN and ZOOM OUT) inscreve-se no campo da média-arte digital, assumindo um compromisso ético e estético com a sustentabilidade ambiental e cultural [12]. Exibida no Fórum da Maia, em Portugal [13], a obra foi concebida como um espaço de reconhecimento, evocando um “jardim de memória e contemplação do futuro”.

A instalação não se limita a evocar a harmonia entre o Homem e a Natureza, mas procura interrogar a percepção linear da história [12]. Por “percepção linear da história” entende-se uma visão do tempo como uma linha contínua e progressiva, onde o passado conduz inevitavelmente ao presente e este, por sua vez, a um futuro idealizado de progresso. Esta lógica, profundamente enraizada na modernidade ocidental, tem sustentado modelos de desenvolvimento que ignoram os ciclos naturais, os tempos ecológicos e as múltiplas temporalidades culturais.

A experiência audiovisual expandida da obra AFASTAR E APROXIMAR propõe romper com a narrativa linear do tempo e da história. A instalação convida à escuta e à contemplação, explorando a relação entre o Homem e a

Natureza. Através da alternância entre imagens microscópicas e paisagísticas, e da evocação simultânea de memórias do passado e de possibilidades futuras, a obra propõe uma nova forma de compreender o tempo — não como uma linha reta, mas como um tecido interligado onde natureza, memória e imaginação coexistem.



Figura 1: Sala de exposição da instalação AFASTAR E APROXIMAR.

À medida que o visitante se aproxima da instalação AFASTAR E APROXIMAR, é acolhido por duas projeções que decorrem em simultâneo: uma é exibida por um videoprojetor sobre uma parede específica, e a outra num ecrã LCD estrategicamente posicionado (figura 1) [12]. Com a duração de 1 minuto e 34 segundos, as projeções alternam entre planos abertos e detalhados da paisagem natural, compondo uma coreografia de som e imagem que evidencia a interligação entre diferentes elementos do mundo natural. Ao posicionar-se sobre um ícone de pés marcado no chão, ativa um sensor de movimento que desencadeia uma nova fase da instalação: uma segunda sequência audiovisual, com a duração de 4 minutos e 13 segundos, em que a presença do visitante deixa de ser meramente passiva e se converte numa participação ativa, ainda que mediada pela própria lógica do dispositivo (figura 1) [12].

A superfície de projeção integra um espelho, cuja função vai muito além do reforço visual. Ao refletir as imagens em movimento, acrescenta uma dimensão de introspeção, convidando o visitante a confrontar-se não apenas com a paisagem projetada, mas também com a sua posição dentro dela. Esta configuração espacial estabelece uma dinâmica visual onde imagem e reflexo se entrelaçam. O espelho não apenas amplia a paisagem projetada — convida o olhar a voltar-se para dentro, a questionar a relação entre o ser humano e o mundo natural que observa. A separação física entre os espelhos marca, de forma subtil, a rutura que se foi instalando entre o Homem e a Natureza. Essa distância, tornada visível na instalação, transforma-se num apelo à consciência: a urgência de reconhecer o lugar do homem no ecossistema.

Na conceção da instalação AFASTAR E APROXIMAR, foram produzidos quatro vídeos distintos, que tecem uma coreografia entre imagem em movimento e som. Dois deles, silenciosos e projetados por um videoprojetor, são refletidos pelos espelhos da instalação, multiplicando-se no espaço e criando uma perceção fragmentada da paisagem.

Os outros dois vídeos, exibidos num ecrã LCD, introduzem o som como elemento central. No primeiro, escutam-se fragmentos do mundo natural — a água que corre, o vento que sussurra, a vegetação que se agita — sons captados, transformados e reinterpretados para intensificar a textura sonora da paisagem.

No vídeo principal, uma *voz-off* enuncia o poema da instalação, articulada com a composição musical original de Marçal dos Campos, resultando numa fusão entre palavra e som.

Esta sequência foi concebida para propor um diálogo simbólico entre o Homem e a Natureza, evocando memória, consciência e a responsabilidade ambiental. Através da articulação entre imagem, som e palavra, constrói-se uma dimensão poética que convida à introspeção e à empatia ecológica.

3.1 Construção da narrativa audiovisual dos vídeos principais “AFASTAR E APROXIMAR”

Os dois vídeos principais que integram a instalação AFASTAR E APROXIMAR — um projetado por videoprojetor e outro apresentado num ecrã LCD — têm ambos a duração de 4 minutos e 13 segundos e são exibidos em simultâneo, compondo uma narrativa audiovisual articulada entre dois suportes distintos (figura 2). Esta secção descreve os vídeos numa perspetiva concetual, analisando as suas componentes poética, visual e sonora, que se revelam fundamentais para a construção da experiência proposta pela obra.



Figura 2: Exibição dos vídeos principais no espaço, com recurso a videoprojetor e LCD.

A estrutura visual da instalação assenta na divisão entre dois dispositivos: o videoprojetor apresenta planos mais amplos e abertos, proporcionando uma visão alargada da paisagem; enquanto o ecrã LCD projeta planos aproximados, revelando texturas e pormenores do mundo natural (figura 2). Esta alternância de planos materializa simbolicamente o conceito de “Afastar” e “Aproximar”, permitindo ao visitante transitar entre a intimidade do detalhe e a vastidão do território. Foi ainda introduzido, de forma intencional, um ligeiro desfazamento temporal entre as imagens apresentadas em cada suporte. Esse intervalo subtil, quase impercetível, introduz uma descontinuidade que acrescenta complexidade à experiência, sugerindo que a (re)conexão com o mundo natural exige tempo, escuta e atenção.

Em articulação com a componente visual, o poema surge como elemento central na construção da narrativa do vídeo principal. Recitado em *voz-off*, em inglês, e acompanhado por legendas em português no ecrã LCD (figuras 2 e 3), o poema assume o papel de fio condutor simbólico e narrativo, atravessando e interligando as dimensões sonora e visual da instalação.

Estruturado como um monólogo poético de tom confessional, dirigido a um interlocutor indefinido — “meu descendente” — o texto remete simultaneamente para o visitante da instalação e para as gerações futuras. Com uma linguagem imagética e emotiva, o poema constrói um diálogo intergeracional entre uma voz do passado e um futuro em crise, evocando uma perceção idealizada de harmonia entre o Homem e a Natureza. Esta dimensão literária da obra aproxima-se de práticas contemporâneas de arte ecológica que, como refere Kagan [2], recorrem à poética e à estética como dispositivos para problematizar a sustentabilidade cultural e ambiental.



Figura 3: Fotogramas do vídeo principal AFASTAR E APROXIMAR, com legendas em português exibidas no ecrã LCD.

Desde o início, o poema evoca uma sensação de deslocamento temporal com a expressão — “from the past I come” — que situa o verso num tempo perdido, de onde emerge uma tentativa urgente de (re)conexão.

*Estrofe recitada em voz-off no vídeo principal
(versão original em inglês e tradução em português)*

Hey there, from the past I come,

Olá, do passado eu venho,

A voice echoing from where you're from.

Uma voz ecoando de onde tu terás vindo.

In the 21st century, we thrived,

No século 21, nós prosperamos,

But now I see, it's nature we've deprived.

Mas agora vejo que foi da Natureza que nos privámos.

A voz poética atua como uma testemunha do passado e um alerta para o presente, evocando uma época em que a humanidade “Dançava com a Natureza”, metáfora que sugere uma relação de equilíbrio, fluidez, simbiose e respeito com o mundo natural:

We danced with nature, without a doubt.

Dançámos com a Natureza, sem dúvida.

But it seems, my descendant, you forgot,

Mas parece, meu descendente, que te esqueceste,

The harmony we had, now it's all a mess.

Da harmonia que tínhamos, agora é tudo uma confusão.

Esta “dança” simboliza um estado de coabitação harmoniosa entre o Homem e a Natureza, em que ambos partilhavam ritmos, ciclos e interdependências. No entanto, esse equilíbrio foi quebrado por um caminho de progresso desenfreado, marcado por esquecimento, destruição e distanciamento do mundo natural. A voz poética denuncia ainda os efeitos devastadores desse progresso desmedido, evocando para um “renascimento desastroso” que resulta da rutura com os ciclos naturais.

Ao afirmar “Homo sapiens, that was our name” (figura 3), o poema convoca uma reflexão sobre a identidade humana e a sua responsabilidade no colapso ambiental. Esta referência não só relembra a origem evolutiva da nossa espécie, como sublinha a distância que se criou entre o ser humano e os seus laços com a natureza.

O poema faz ainda uma crítica clara ao conceito de “progresso”, revelando o seu lado sombrio: “In pursuit of progress, we played the game / But in our stride, we trampled the earth”. A ironia contida na ideia de um “jogo” sugere que como muitas decisões humanas foram tomadas com leviandade ou cegueira face às consequências

ecológicas. A degradação ambiental — simbolizada pelas “ilhas de plástico” e pelos “céus poluídos” — é apresentada como o colapso não apenas de ecossistemas, mas também de valores éticos e espirituais ligados à Terra.

Homo Sapiens, that was our name,
Homo Sapiens, esse era o nosso nome,
In pursuit of progress, we played the game.
Em procura do progresso, jogámos o jogo.
But in our stride, we trampled the earth,
Mas nos nossos passos, espezinhámos a terra,
Forgetting nature's worth, a disastrous rebirth.
Esquecendo o valor da Natureza, um renascimento desastroso.

O poema recorre a uma estrutura circular e reiterativa, sugerindo num apelo urgente à escuta e à mudança:
So, don't walk away, lend me your ear,
Por isso, não te afastes, apenas ouve-me,
I come with a message, crystal clear.
Eu venho com uma mensagem, clara como cristal.

Estas repetições funcionam como refrão e apelo insistente à escuta e à tomada de consciência. A estrutura repetitiva dos versos, intercalada com imagens visuais que oscilam entre a serenidade natural e a presença humana em simbiose com a paisagem, reforça a carga simbólica da mensagem.

Apesar do tom melancólico e crítico, o poema encerra com uma mensagem de esperança e abertura à transformação:

It's not too late, to change the song,
Não é tarde para alterar a melodia,
Let harmony and nature stay forever.
Que a harmonia e a Natureza perdurem eternamente.

Ao utilizar a metáfora da música e da dança, o texto sugere que há ainda possibilidade de regeneração — desde que se aprenda com o passado e se reencontre uma “verdadeira crença” na natureza como lugar de pertencimento, e não apenas de exploração.

A força evocativa do poema — transmitido através da *voz-off* e apoiado por legendas — exigiu uma composição visual pensada para prolongar e ampliar a sua dimensão simbólica. Para além da palavra, construiu-se um fluxo contínuo de imagens em movimento que leva o visitante a uma vivência de carácter sensível e empático com a memória de uma relação ancestral entre o Homem e a Natureza.

As filmagens decorreram em espaços naturais emblemáticos, como a Mata de Monsanto, em Lisboa, e as Cascatas do Rio Mourão, em Sintra. Estes cenários foram cuidadosamente escolhidos pela sua capacidade de revelar, simultaneamente, a imponência e a delicadeza dos ecossistemas naturais.

A serenidade das paisagens — como a cascata tranquila ou o reflexo da água — contribui para um tom contemplativo que sugere uma atitude de escuta e respeito perante o mundo natural (figura 4). Os movimentos dos bailarinos, espontâneos e orgânicos, estendem essa mensagem através do gesto: cada deslocamento e cada pausa inscrevem no espaço uma forma de reverência silenciosa à vida e à sua complexidade. O vídeo apresenta-se como um convite sensível à preservação da natureza, à aceitação das diferenças e à redescoberta de uma ligação íntima e consciente com o planeta (figuras 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 e 11), aproximando-se da perspetiva de Page [1], que defende a necessidade de repensar a agência no Antropoceno e de questionar a centralidade do humano nas relações com o mundo natural.



Figura 4: Bailarinos evocam referências clássicas como David de Michelangelo e “O Nascimento de Vénus” de Botticelli.

As imagens projetadas celebram a presença do corpo humano em harmonia com a natureza. Dois bailarinos — um homem e uma mulher — surgem como figuras arquetípicas que simbolizam forças criadoras e elementos primordiais. Os seus corpos, quase nus, são apresentados com simplicidade e delicadeza, remetendo para um estado de pureza original, livre de artifícios sociais ou culturais (figura 4).



Figura 5: Evocação simbólica do corpo humano em diálogo com a natureza, inspirada em referências clássicas.

Um dos aspetos mais relevantes da instalação AFASTAR E APROXIMAR é a presença do corpo humano e a sua relação com a natureza. A escolha estética não recorreu ao corpo nu integral, mas antes a uma evocação mais simbólica, inspirada em arquétipos clássicos como o David de Michelangelo ou a Vénus de Botticelli (figura 5). Essa decisão não resultou de uma limitação técnica, mas de uma ponderação ligada ao contexto da exposição e à diversidade dos visitantes: tendo em vista que a instalação seria visitada por públicos diversos, incluindo grupos escolares de diferentes idades, optou-se por uma abordagem simbólica, garantindo que a obra pudesse ser experienciada de forma inclusiva.

Idealmente, a representação do corpo humano em estado de nudez poderia ter reforçado de forma mais imediata a ligação com a natureza, evocando a beleza natural, a essência e a valorização do corpo como expressão do ser humano.

Tal como referido em Cruz e Bidarra [14], “a representação do corpo humano em estado de nudez evoca a beleza natural, a sua essência, a valorização do corpo como expressão natural do ser humano, a força humana animal, deixando a mente leve e livre de impurezas numa procura incessante de liberdade. Ao mesmo tempo, representa o que tem de mais íntimo em cada ser humano, mas também o que tem de mais universalmente humano, sem máscaras, padrões e artificios. Por outro lado, cria um espaço íntimo com os visitantes, colocando-os voluntariamente numa relação de proximidade”.

A ausência do nu integral abriu também espaço para outra leitura: o corpo fragmentado, parcialmente velado ou mediado por gestos e referências contemporâneas, pode ser entendido como figuração simbólica da distância atual em relação à natureza — uma presença raramente vivida em estado puro e quase sempre condicionada pela cultura.

Na sua quietude, os bailarinos evocam referências artísticas clássicas: o David de Michelangelo, símbolo de coragem e beleza, e a Vénus de Botticelli, associada ao amor, à origem e ao renascimento [15,16] (figuras 4 e 5). Estas imagens não funcionam apenas como citações visuais, mas como metáforas que reforçam a ligação entre corpo e natureza. Ao evocar estas figuras históricas para o presente, a instalação convida à reflexão sobre como a humanidade se foi afastando das suas raízes naturais — uma fratura simbólica que a obra procura tornar visível e abrir à possibilidade de reparação.

Os movimentos coreográficos evocam tanto a leveza como a força da vida natural. Gestos suaves, fluidos e instintivos desenham no espaço uma dança de comunhão com os elementos — uma expressão física da “dança com a natureza” que o poema propõe como caminho regenerador. Essa coreografia presta homenagem à diversidade da vida no planeta e destaca a importância de todas as formas de existência, humanas e não humanas. Através desta linguagem visual e performativa, o vídeo reafirma que, na sua essência, o ser humano é parte da Natureza, partilhando a sua beleza, resiliência e vulnerabilidade.



Figura 6: Corpo (in)completo: sublinha a beleza da imperfeição e a força da vulnerabilidade.

Entre os elementos mais marcantes do vídeo destaca-se a presença de um dos bailarinos com uma diferença física visível — a ausência de uma mão (figura 6). Longe de ser ocultada ou suavizada, esta característica é integrada na narrativa visual como símbolo de força e autenticidade. Através desta escolha artística, a obra desafia os padrões convencionais de perfeição corporal e estética, sublinhando que é precisamente na imperfeição que

reside a beleza da existência. Esta presença corporal reconfigura a ideia de vulnerabilidade como potência, evocando a capacidade humana, e também da própria natureza, de se adaptar, resistir e florescer mesmo diante da adversidade.

A imagem do corpo (in)completo torna-se, assim, símbolo da resiliência ecológica e humana, reforçando a mensagem de que a harmonia não depende da ausência de falhas, mas da capacidade de integração e aceitação da diversidade (figura 6). Num dos momentos mais simbólicos do vídeo, um dos bailarinos recolhe cuidadosamente o fruto do medronheiro, gesto que evoca, de forma sutil, a narrativa bíblica de Adão e Eva [17] (figura 7). No entanto, ao contrário da tradicional associação da maçã ao pecado e à transgressão, aqui a colheita do fruto adquire um novo significado, não como um ato de desobediência, mas como um gesto de respeito e responsabilidade para com a natureza. O medronheiro, planta nativa valorizada pela sua resistência, beleza e relevância ecológica, torna-se símbolo de equilíbrio, sabedoria e renovação. O seu fruto, o medronho, assim como as propriedades medicinais da madeira, reforçam esta associação à vida, à cura e à sustentabilidade.

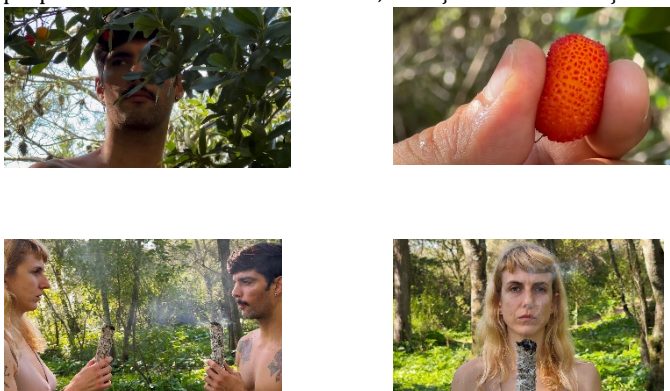


Figura 7: Fotogramas do vídeo principal de AFASTAR E APROXIMAR, com momentos simbólicos da colheita do medronheiro e da queima ritual da sálvia.

Complementando esta ação, os bailarinos protagonizam também a queima de folhas de sálvia, num gesto performativo que remete para rituais ancestrais de purificação (figura 7). Este ato carrega um forte simbolismo de conexão com os elementos naturais e com práticas culturais que reconhecem o poder terapêutico das plantas. A defumação com sálvia não só purifica simbolicamente o espaço, como ativa sensações de calma, bem-estar e introspeção, ampliando a carga sensorial do vídeo. O fogo, aqui presente de forma controlada e cerimonial, representa também a possibilidade de transformação, renovação e regeneração, tanto do ambiente como da própria consciência humana.

Ao conjugar dança, elementos naturais e gestos ritualizados, o vídeo cria um espaço de meditação ecológica, onde se torna possível repensar a relação entre o ser humano e o mundo vegetal. Estes momentos sugerem que uma convivência harmoniosa com o planeta implica reconhecer o valor intrínseco da natureza, respeitar os seus ritmos e integrar os saberes tradicionais como parte de um futuro mais sustentável. O vídeo não apenas representa essa ligação, mas cria as condições para que ela seja experienciada de forma sensível e significativa.

A imagem da bailarina refletida na água é um dos momentos mais poéticos do vídeo, condensando múltiplos significados simbólicos (figura 8). Para além de evocar qualidades tradicionalmente associadas ao feminino, como o amor, a intuição e a dimensão emocional, o reflexo na superfície líquida remete também para o caráter sagrado da água, associada à purificação, à espiritualidade e à renovação. Esta presença da água funciona como símbolo de introspeção e autoconhecimento, sugerindo um momento de bênção silenciosa e consagração interior. A fluidez da água, que se adapta a qualquer forma sem perder a sua essência, espelha a capacidade humana de se transformar, de se ajustar e de evoluir perante os desafios da existência.



Figura 8: Bailarina refletida na água, evocando fluidez, introspeção e renovação.

Em sequência, os bailarinos são mostrados em estreita relação física com os elementos naturais: abraçam árvores, deslizam entre os seus ramos e deixam-se envolver pelo ambiente vegetal (figura 9). Estes gestos não são meramente coreográficos, mas expressam uma ligação ancestral e sensível com o mundo natural, uma comunhão que ultrapassa o plano físico e se inscreve também nas dimensões emocional e espiritual. A natureza não é aqui apenas cenário, mas entidade viva com a qual se partilha espaço, ritmo e energia.



Figura 9: Fotogramas do vídeo principal de AFASTAR E APROXIMAR, com os bailarinos em comunhão ancestral entre corpo e natureza.

No desenrolar do vídeo, os movimentos dos bailarinos tornam-se progressivamente mais instintivos, quase animalescos (figura 10). Esta transformação gestual evidencia a continuidade entre o ser humano e os outros animais, sublinhando que, apesar da complexidade do pensamento e da cultura, mantemos uma ligação profunda com o mundo biológico. Estes movimentos, espontâneos e vitais, evocam liberdade, autenticidade e a importância de escutar os impulsos mais elementares, não como regresso ao primitivo, mas como forma de reencontrar equilíbrio na relação com a vida. Esta linguagem do corpo reforça a mensagem central da instalação: a urgência de uma coexistência respeitosa e consciente entre todas as formas de vida, na qual o ser humano se reconhece como parte do todo.

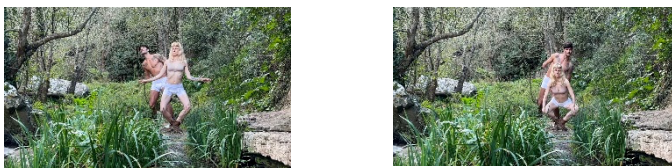


Figura 10: Fotogramas do vídeo principal de AFASTAR E APROXIMAR, inspirados no comportamento animal.

No final, as imagens do vídeo principal abrandam, conduzindo-nos a planos mais serenos, onde o Homem e a Natureza se reencontram numa fusão silenciosa. Os corpos, gradualmente absorvidos pela paisagem, tornam-se parte do cenário natural, evocando a essência da narrativa audiovisual: a (re)conexão profunda entre o ser humano e o meio que o envolve. Após a expressão instintiva e intensa da vida, emerge uma harmonia primordial, em que a separação entre o Homem e a Natureza se dissolve, restabelecendo um vínculo ancestral de pertença e equilíbrio. Esta fusão entre o Homem e a Natureza manifesta-se de forma sensível nos gestos captados: mãos que mergulham na água da cascata, tocando-a com uma reverência quase ritual, corpos que se curvam junto ao solo, corpos que se inclinam junto ao solo, entre a vegetação densa, numa aproximação íntima à terra (figura 11).

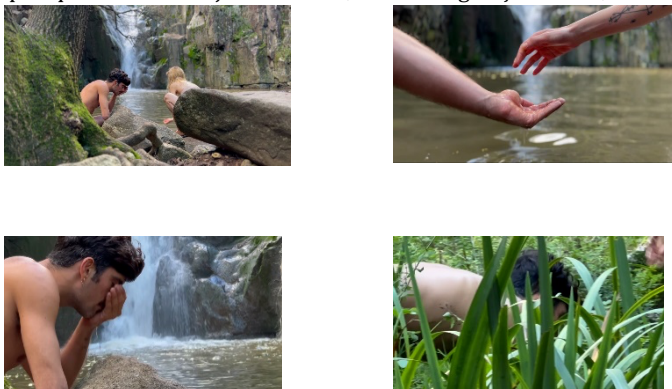


Figura 11: Fotogramas do vídeo principal de AFASTAR E APROXIMAR, representando a reconexão simbólica entre o Homem e a Natureza.

O movimento das mãos — ora recolhendo a água, ora acariciando suavemente a superfície líquida — expressa uma relação de escuta, respeito e pertença. As imagens fluem num ritmo desacelerado, acompanhando este gesto de entrega e comunhão. Neste processo de aproximação e afastamento, o visitante é também convocado a rever o seu próprio lugar no mundo: não apenas como observador externo, mas como parte integrante de uma ecologia sensível, interdependente e em constante transformação (figura 11).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A instalação AFASTAR E APROXIMAR uma proposta que ilustra como a média-arte digital pode atuar como mediadora entre a sensibilidade estética, a consciência ecológica e a ação ética. Ao recorrer à linguagem do vídeo como meio de expressão artística, a obra não se limita à representação visual da natureza, propondo antes uma experiência sensorial e envolvente, onde som, imagem e movimento se conjugam para estimular uma vivência profunda e afetiva da relação entre o Homem e a Natureza.

Através da justaposição de diferentes planos visuais — do microscópico ao panorâmico — e da ativação simultânea de múltiplos sentidos, a instalação procura romper com uma percepção linear, utilitarista e antropocêntrica do tempo e da história. Em vez de uma narrativa progressiva e unidirecional, AFASTAR E APROXIMAR propõe uma experiência multitemporal, onde passado, presente e futuro se entrelaçam numa ecologia de relações. Ao mesmo tempo, a obra inscreve-se numa linhagem contemporânea de práticas artísticas que exploram a tecnologia como instrumento sensível de aproximação à natureza. Artistas como Marshmallow Laser Feast e Thijs Biersteker têm demonstrado como a mediação tecnológica pode ampliar a percepção sensorial e emocional do visitante, tornando visível — e experienciável — aquilo que normalmente permanece invisível ou ignorado. AFASTAR E APROXIMAR partilha esta abordagem, utilizando o vídeo, os espelhos, os sensores e a coreografia como meios para criar um espaço onde a arte digital atua como catalisador de atenção, contemplação e empatia ecológica.

Mais do que transmitir uma mensagem explícita sobre sustentabilidade, a instalação cria as condições para que essa mensagem seja sentida no corpo e interiorizada pela experiência. Convida o visitante não apenas a observar, mas a habitar um espaço de reconexão, onde os gestos, os sons, os reflexos e as palavras compõem uma paisagem sensível de reencontro com o mundo natural. A instalação não fala sobre a natureza — fala com a natureza, estabelecendo um diálogo poético que atravessa tempo, matéria e emoção.

Num tempo atravessado por urgências climáticas, colapsos sistêmicos e crises de sentido, torna-se essencial valorizar práticas artísticas que propõem outras formas de estar, de sentir e de imaginar o futuro. A arte, neste contexto, não se limita a ilustrar problemas ambientais ou sociais: ela torna-se um campo de experimentação simbólica e sensorial, onde se ensaiam formas de cuidado, de pertença e de transformação. AFASTAR E APROXIMAR participa ativamente nesta tarefa, oferecendo ao visitante não respostas, mas uma experiência viva — uma paisagem onde é possível reaprender a ver, a ouvir e a cuidar.

REFERENCES

- [1] P. J. Page. 2020. Planetary art beyond the human: Rethinking agency in the Anthropocene. *Environmental Humanities* 12, 1 (2020), 1–23. <https://doi.org/10.1177/2053019620916498>
- [2] S. Kagan. 2011. *Art and Sustainability: Connecting Patterns for a Culture of Complexity*. Transcript Verlag, Bielefeld.
- [3] TeamLab. n.d. *Forest and Spiral of Resonating Lamps – One Stroke*. Retrieved April 26, 2025 from <https://www.teamlab.art/pt/w/spiral/>
- [4] TeamLab. n.d. *Borderless*. Retrieved April 8, 2025 from <https://www.teamlab.art/e/tokyo/>
- [5] Frankfurter Kunstverein. n.d. *Marshmallow Laser Feast – EVOLVER*. Retrieved April 8, 2025 from <https://www.fkv.de/en/marshmallow-laser-feast/>
- [6] T. Biersteker. n.d. *Plastic Reflectic*. Retrieved April 8, 2025 from <https://thijsbiersteker.com/plasticreflectic>
- [7] D. Brocchi. 2008. The cultural dimension of sustainability. In *Sustainability: A New Frontier for the Arts and Cultures*, VAS – Verlag für Akademische Schriften, 26–58.
- [8] G. E. Soares de Castro. 2023. Vídeo-Arte: Limites da imagem audiovisual. *Vista* 11 (Apr. 2023), e023003. <https://doi.org/10.21814/vista.4509>
- [9] M. Gonçalves. 2022. O vídeo como tecnologia e meio de expressão artística. *Vista* 10 (Jul. 2022), e022010. <https://doi.org/10.21814/vista.4057>
- [10] H. Urrutia, P. Pérez, and A. Fernandes-Marcos. 2021. Contemporary art as a factor for knowledge generation from video: A arte contemporânea como fator de geração de conhecimento a partir do vídeo. In *Proceedings of the 10th International Conference on Digital and Interactive Arts (ARTECH '21)*. ACM, Aveiro, Portugal, Article 6, 6 pages. <https://doi.org/10.1145/3483529.3483684>
- [11] G. Moro. 2024. Manifestações do vídeo / Video manifestations: linguagem e teatralidade / language and theatricality. *EntreLetras* 15 (2024), 200–214.
- [12] S. Cruz, C. Vieira, and J. Bidarra. 2025. Interactive Media Arts and Sustainability: The Challenges of Human-Nature Connections. In N. Martins and D. Brandão (Eds.), *Advances in Design and Digital Communication V (DIGICOM 2024)*, Springer Series in Design and Innovation, Vol. 51. Springer, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-031-77566-6_65
- [13] Câmara Municipal da Maia. 2024. *Afastar e Aproximar – Zoom In and Zoom Out*. Retrieved August 29, 2024 from <https://culturaon.cm-maia.pt/evento/2024/01/05/afastar-e-aproximar-zoom-in-and-zoom-out>
- [14] S. Cruz and J. Bidarra. 2021. Um futuro em (re)conexão com o passado – Uma instalação que (re)conecta a relação do homem com a natureza. In *Proceedings of the 10th International Conference on Digital and Interactive Arts (ARTECH '21)*. ACM, Aveiro, Portugal. <https://doi.org/10.1145/3483529.3483709>
- [15] M. Della Monica, et al. 2019. Michelangelo's David: Triumph of perfection or perfect combination of variation and disproportions? A human perspective. *Italian Journal of Anatomy and Embryology* 124, 3 (2019), 201–211. Retrieved October 12, 2025 from <https://www.biblioan.com/adao-e-eva/>

- [16] F. Giannini and I. Baratta. 2023. Botticelli's Venus, a symbol of the Renaissance. *Finestre sull'Arte*. Retrieved April 25, 2025 from https://www.finestresullarte.info/en/travelnotebooks/2318v_botticelli-s-venus-a-symbol-of-the-renaissance.php
- [17] Biblia Sagrada Online. n.d. *A história de Adão e Eva*. Retrieved April 26, 2025 from https://www.bibliaon.com/adao_e_eva/